

Portugal ainda é cais de partida: alguns dados da emigração no período 1992-2003¹

Dulce PIMENTEL

e-GEO Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
Avenida de Berna, 26-C 1069-061 Lisboa
e-mail: dpimentel@fesh.unl.pt

1. Introdução

Durante décadas Portugal construiu a imagem de uma *nação emigrante*, cuja dimensão se expressa nos cerca de 4,9 milhões de portugueses e luso-descendentes residentes no estrangeiro. A geografia da emigração reflecte, por um lado, a antiguidade do fenómeno, nomeadamente para os países americanos – EUA, Brasil e Canadá - que, em conjunto, têm quase 2,5 milhões de portugueses, metade do total residente no exterior e, por outro, a mais recente migração intra-europeia. Segundo estimativas da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas 1,5 milhões de portugueses (cerca de 1/3 do total) vivem em países europeus, mais de metade dos quais em França. Em crescimento têm estado também as comunidades residentes no Reino Unido, Suíça, Luxemburgo e Espanha.

Apesar da importância económica das poupanças que regularmente enviam para Portugal² e do dinamismo que imprimem aos locais de origem durante os períodos de férias ou quando regressam, os emigrantes e a emigração deixaram de fazer parte da agenda política. Essa menor visibilidade estará relacionada com o decréscimo substancial no número de emigrantes a partir de finais dos anos 70 e com as dinâmicas migratórias que recentemente colocaram Portugal entre os países de imigração³.

¹ A informação estatística é obtida a partir do *Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída*, do Instituto Nacional de Estatística.

² 3,1 mil milhões de euros em 2001, o que representa 3% do Produto Interno Bruto e coloca os portugueses, segundo a OIM na 6ª posição ao nível mundial quanto ao envio de remessas.

³ Em 1986 residiam em Portugal cerca de 87000 estrangeiros, em 1995, perto de 168000 e no final de 2001, 223600. Apesar da imigração ter abrandado em 2003, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras estima que o número de imigrantes com estatuto legal, incluindo residentes e portadores de autorização de permanência, seja superior a 434500.

A alteração da composição dos fluxos emigratórios levou mesmo alguns investigadores portugueses a declarar o fim da emigração para a Europa⁴, anúncio prematuro pois, a partir de meados dos anos 80, a emigração voltou a aumentar, reavivando-se os destinos europeus. Como sublinha Baganha (2001:149) esse aumento foi impulsionado pela “criação e estruturação de redes migratórias para novos destinos, como foi o caso da emigração para a Suíça e revitalização de redes já existentes, como aconteceu com a emigração para a Espanha, a Alemanha e os destinos transatlânticos”. A integração de Portugal na Comunidade Europeia e as necessidades do mercado internacional de trabalho, permitiram que se criassem novas condições de mobilidade para os trabalhadores portugueses.

Com efeito, a emigração não cessou ainda que os quantitativos não tenham voltado a atingir as dimensões observadas em décadas anteriores. Entre 1992, data em que o INE inicia a realização do *Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída*⁵, e 2003, emigraram cerca de 336200 pessoas, ou seja, uma média anual de 28000.

2. Evolução dos fluxos emigratórios nos anos 90

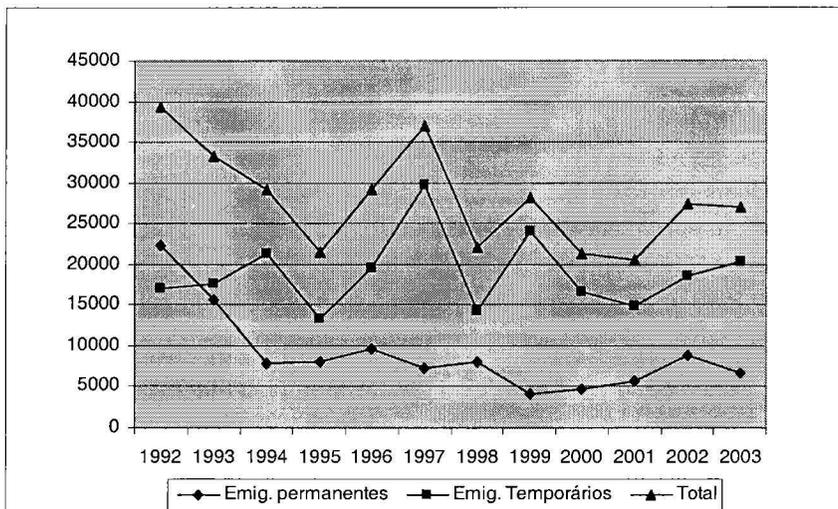
A emigração recente mostra uma evolução irregular (figura 1), muito influenciada pela emigração temporária (pessoas que permaneceram no estrangeiro por um período igual ou inferior a um ano). Desde 1993, como aliás já se tinha verificado na segunda metade da década de 80, a emigração com carácter temporário foi sempre superior à permanente. Embora com oscilações, por vezes significativas, a tendência vai no sentido da maior representatividade da emigração temporária. No período em análise, 68% dos emigrantes foram temporários, tendo ultrapassado os 80% em 1997 e 1999. No último ano para o qual dispomos de informação (2003), de um total de 27000 saídas, ¾ foram temporárias (quadro 1).

Este tipo de emigração envolve maioritariamente homens (quadro 2) e jovens em idade activa; de 1999 a 2003, apenas 23% dos emigrantes eram mulheres, 52% tinham idade compreendida entre 15 e 29 anos e cerca de 30% entre 30 e 44 anos. A baixa proporção de menores de 15 anos - somente 6% do total, no último quinquénio - reflecte a redução dos emigrantes permanentes.

⁴ Paiva, A. (1985), *Portugal e a Europa. O fim de um ciclo migratório*, Lisboa, IED-CEDEP.

⁵ “Até 1988, o INE publicou no Anuário *Estatísticas Demográficas* dados estatísticos sobre emigração legal, obtidos através do acto administrativo da obtenção do passaporte de emigrante, da responsabilidade do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas (IAECP). A abolição do passaporte acima referido (...) veio interromper a série estatística estabelecida.” A partir de 1993 o INE passa a detectar os casos de emigração, por amostragem, realizando um inquérito a cerca de 33000 alojamentos familiares.

Figura 1 - Emigrantes segundo o tipo de emigração



Fonte: INE

Quadro 1 – Emigração total, permanente e temporária (%)

Anos	Emig. Total	Permanente	Temporária
1992	39322	57	43
1993	33171	47	53
1994	29104	27	73
1995	22579	36	64
1996	29066	33	67
1997	36395	20	80
1998	22196	36	64
1999	28080	15	85
2000	21333	22	78
2001	20589	28	72
2002	27358	32	68
2003	27008	25	75

Fonte: INE.

Quadro 2 - Emigrantes segundo o sexo (%), 1999-2003

	H	M
Emigração total	77,1	22,9
Permanente	67,6	32,4
Temporária	80,2	19,8

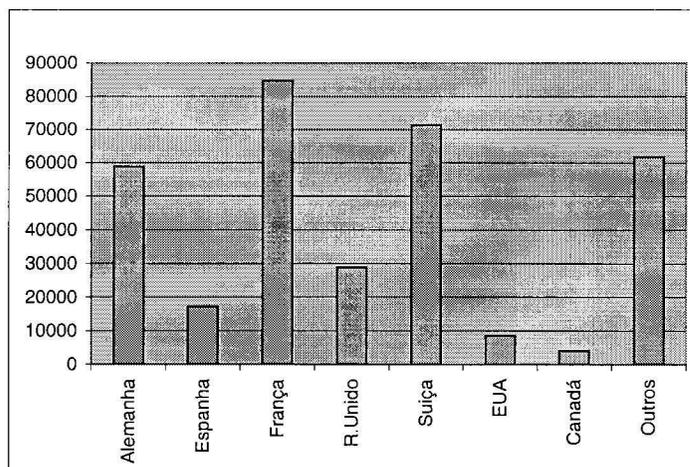
Fonte: INE.

3. Países de destino

Os portugueses continuam a emigrar para a Europa, sobretudo para a França e Suíça, destinos de quase metade do total de saídas nos últimos anos. Alemanha, Reino Unido e Espanha contam-se também entre os países que mais recebem portugueses (figura 3).

Em conjunto, os cinco países acolheram 78% do total da emigração e o continente americano, em particular Estados Unidos e Canadá, cerca de 4%. Em relação a estes últimos a tendência é para a redução do número de partidas, confirmada pelo *Bureau of Citizenship and Immigration Services*: no decénio 1992-2001, a emigração portuguesa para os Estados Unidos diminuiu 40%.

Figura 3 – Emigrantes por países de destino (1992-2003)



Total	Alemanha	Espanha	França	R. Unido	Suíça	EUA	Canadá	Outros
336201	58887	17252	84654	28760	71330	8573	4118	61731
100%	17,5%	5,1%	25,2%	8,6%	21,2%	2,5%	1,2%	18,4%

Fonte: INE

A quase totalidade dos fluxos de partida é gerada no Continente (95%), sobretudo na região Norte (46% do total, entre 1999 e 2003), enquanto o Alentejo, Algarve e Regiões Autónomas são responsáveis por pouco mais de 10%. Os Açores são a única região do País em que a emigração permanente é superior à temporária o que se deve à importância dos destinos americanos.

Dos indivíduos que emigraram durante este período, 45% possuía o 2º ou 3º ciclo do ensino básico, 9% o secundário ou superior, e 10% não tinham qualquer grau de ensino. A nova face da emigração portuguesa mostra uma maior proporção de licenciados ou com o ensino secundário, ainda que o nível médio de habilitações se situe abaixo da escolaridade obrigatória.

O aumento da taxa de desemprego, nomeadamente dos diplomados (entre Maio de 2002 e Maio de 2003 o número de desempregados com o ensino superior aumentou 44%) tem impulsionado a partida de jovens qualificados, em que se incluem muitos investigadores. À crise económica e à falta de capacidade de resposta das estruturas existentes junta-se a diferença de salários, pelo que a emigração em Portugal continua a ter motivações económicas.

Como escreveu Eduardo Lourenço: “emigrar é sempre aventura de pobre”, sinal de atraso, do indivíduo ou da sociedade, de incapacidades para assegurar as melhores condições de vida ou de trabalho. Se entre os mais jovens a emigração pode funcionar como oportunidade para “ganhar experiência”, para uma franja da população activa, com baixos níveis de escolaridade e de qualificação profissional, o recurso a contratos de trabalho no estrangeiro, mesmo que temporários, continua a ser visto como uma boa alternativa.

Bibliografia

- ARROTEIA, J. C. (2001), “Aspectos da Emigração Portuguesa”, *Actas do III Colóquio Internacional de Geocrítica, Migración y Cambio Social*, Universidad de Barcelona.
- BAGANHA, M. I. (2001), “A cada Sul o seu Norte: Dinâmicas Migratórias em Portugal”, in *Globalização, Fatalidade ou Utopia?*, Edições Afrontamento, Porto, p. 135-159.
- INE (2003), “Retrato da realidade emigratória em Portugal”, Destaque à Comunicação Social (www.ine.pt).
- MORAIS, P. et al. (2003), *Porto de Partida – Porto de Chegada. A Emigração Portuguesa*, Ancora editora, Lisboa.